O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

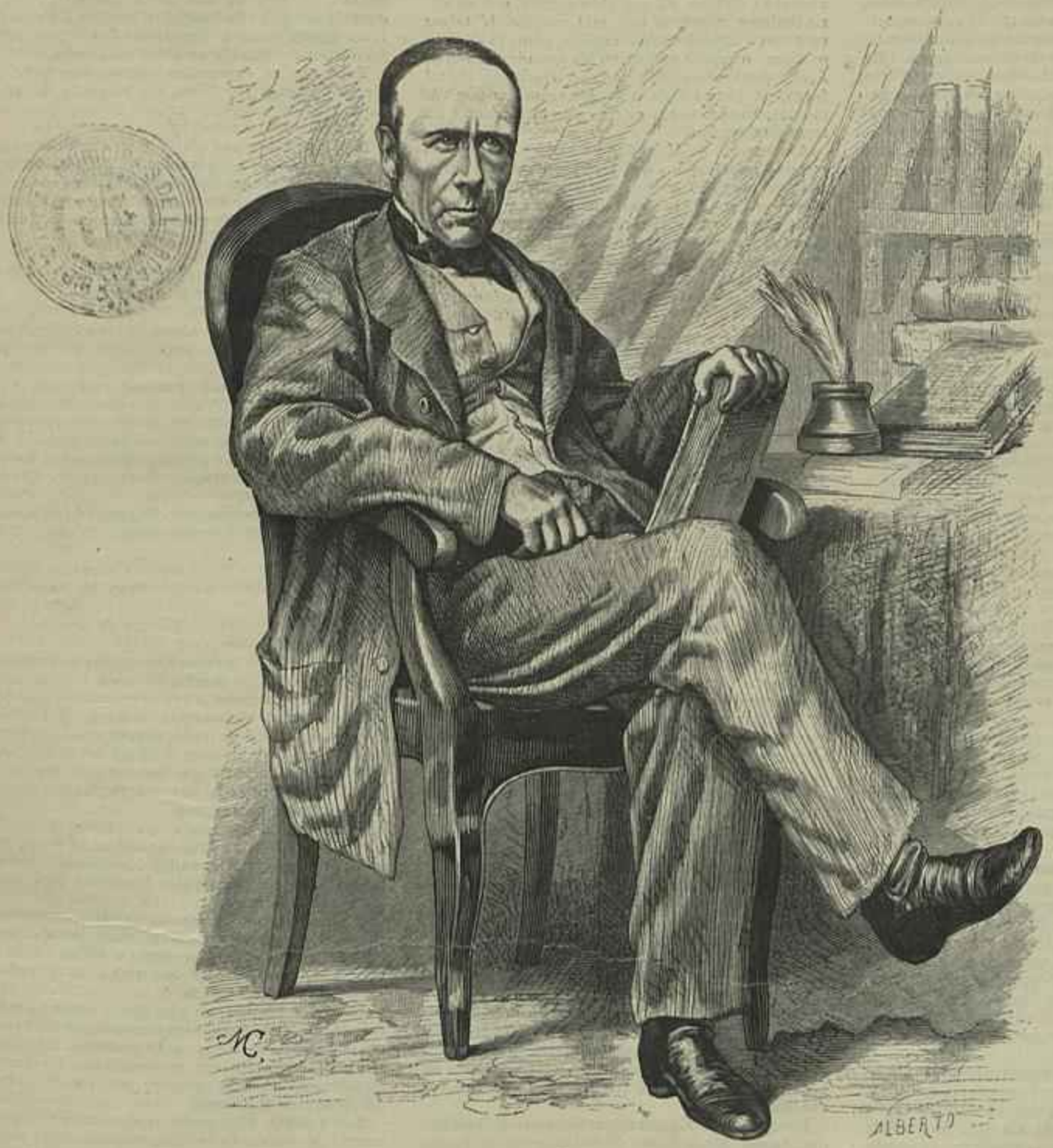
Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem.....	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India...	5$000	2$500	-$-	-$-

33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1124

20 de Março de 1910

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

Centenario de Alexandre Herculano



A. Herculano

DESENHO COMPOSTO POR MANUEL DE MACEDO E GRAVADO POR CAETANO ALBERTO, EM 1878

Chronica Occidental

A comemoração do centenario de Herculano faz-nos passar pela mente as luctas tempestuosas em que, durante mais de quarenta annos, o leonino batalhador diligenciou demolir as preocupações que no espirito nacional impediam a visão da verdadeira liberdade e do progresso, impressionando-o com o valor poetico dos seus extraordinarios romances, detendo-o na contemplação do alto ensinamento e da gloria que resultavam para o paiz dos seus profundos estudos historicos, empolgando-o com essa variedade de labores que tão alto o colocavam no seu tempo, tempo aliás tão rico de homens notaveis, tão iluminado por outras esplendidas manifestações de engenho.

Quando morreu Herculano, acusaram-no de ter quebrado a penna, de se ter retirado da arena aonde o seu valôr o chamava para a lucta, voltando as costas á patria, a quem elle se devia todo inteiro — alma, vida e pensamento, no dizer da glosa; a esta boa terra portuguêsa onde todas as classes, todas as corporações, todos os individuos, se podia dizer, almejavam por vê-lo á testa dos negocios publicos; a este paiz que tanto lhe queria e tanto o respeitava... Isto diziam os maldizentes, para mais e melhor depreciarem aquelle enorme caracter.

Mas o que diz a historia?

Diz a historia que o espirito recto, logico, inflexivel, de Herculano tinha horror ás contemporisações, ás ficções, ás transigencias, e muito mais aos embustes, á corrupção da vida moderna. Elle só obedecia aos impulsos da alma quando, cheio de enthusiasmo, de crenças vivas, de fortes esperanças, entrava na lucta; e era obedecendo sempre aos mesmos sentimentos que depois se retirava descrente e desiludido, não das idéas, mas dos homens.

Nascido nos primeiros annos do passado seculo, tão revolto de luctas e de guerras que tiveram o mundo todo por actor e testemunha; quando os exercitos de Napoleão derramavam na Europa o sangue dos povos e as idéas revolucionarias, Herculano — no dizer de um dos seus biografos — parece que aspirou, com o leite materno, esse espirito de independencia e de caracter que tão profundamente vincou a sua luminosa carreira.

Provado já o animo nas pelejas cruentas da guerra, nas amarguras do exilio firmou elle a sua vocação. A saudade, que quebranta as almas pusilanimes, robusteceu e retemperou a d'elle, talhada como era para dominar gerações, impondo-se-lhes pela virilidade, pela supremacia do genio.

Concluida a lucta, derrotado para sempre e banido do territorio português o despota que o ensanguentara, deposta a espada de soldado, Herculano, na flôr da vida, entrou na arena literaria como um gladiador antigo, pronto para vencer ou morrer.

As tendencias do seu espirito severo e meditativo encaminharam-no, após a *Voz do Profeta* e a *Harpa do Crente*, para o estudo da historia patria. Percorrendo os velhos mosteiros abadias, pesquizando nos arquivos pulverulentos, estudando nos monumentos originaes, principiou a lançar no seu alto espirito as bases do magestoso edificio, que projectava levantar, e guiado por um admiravel senso critico resuscitou os primeiros tempos da monarquia, escreveu a historia das nossas origens, legou-nos emfim o monumento immorredoiro da sua *Historia de Portugal*, cujas paginas de bronze, bellas como as portas do baptisterio de Florença, não se enferrujam com os annos, antes se mostram cada vez mais robustas e formosas.

Nunca envelheceu tambem, nunca envelhecerá o *Eurico*, em que tudo é grande, epico e solemne: as personagens, os lances eminentemente tragicos, o estilo altamente lirico, dando áquellas paginas de prosa o valor d'um poema, ora suave e melancolico como uma elegia, ora sublime como a epopéa. Que esculptural desenho o das figuras, que vigor de luz, que tumultuar de scenas de carnificina, em que as duas raças inimigas pelo sangue e pela religião se arrojam uma sobre a outra, como leões embravecidos!

Atacado pelas paginas vibrantissimas do *Monge de Cister*, o fanatismo religioso saia das sombras das sacristias e vinha, velho paladino, medir forças e quebrar lanças contra o guerreiro audaz que o provocara; mas logo derrotado, acossado nos ultimos intrincheiramentos, abandonava o campo e fugia, arremessando injurias ao vencedor. Longe vão esses tempos em que a clerezia enfurecida, pretendendo luctar contra o espirito moderno, contra a razão e contra a liberdade, encontrava em Portugal quem tão denodadamente se lhe opunha!

As muito poderosas faculdades de Herculano, depois de o terem conduzido através do intrincado labirinto dos acontecimentos politicos e sociais dos primordios da civilisação portuguêsa, davam nos essas soberbas composições de diversa indole, em que a fabula se entrelaça com a historia, insufladas de verdade humana na pintura dos sentimentos e das paixões.

Quer nos grandes livros do escriptor, quer nos seus pacificos estudos sociaes, quer nos jorros de luz que brotam dos seus combates e propagandas, a messe a recolher e a aproveitar não tem egual nem na riqueza, nem nas condições de concatenação, da harmonia e da estabilidade.

As suas doutrinas são fórtes como elle foi, e nada mais natural que levantarem-se ainda hoje contra ellas os espiritos que se empenham em atrazar lhes o triunfo. E' preciso dizer e repetir, agora e sempre, como exemplo, como incitamento, e tambem como castigo, que Herculano, cuja grandeza de espirito só podia ser medida pela rigidez e austeridade do seu bello caracter — no dizer de um dos seus mais notaveis contemporaneos — entre muitos meritos teve um que sobre todos o engrandece e nobilita: não transigiu com a reação. As suas convicções eram profundas e inabalaveis.

Ao lado do historiografo exacto andava o poeta filosofo a quem sorriam dôcemente todos os nobres ideaes da humanidade, e andava o patriota, afirmado através da sua obra inteira, sob os variadissimos aspectos que ella reveste. E' talvez esta força imperiosa que explica, como já alguem o disse, o poder sugestivo da grande memoria, á qual justamente pelo impulso irresistivel de tal força, se presta hoje a homenagem em que vêmos associadas todas as energias intelectuaes da terra portuguêsa.

A memoria de Herculano tem já o seu padrão erguido no Mosteiro dos Jeronimos; mas a praça publica continúa a reclamar a sua estatua, marmore ou bronze, preito da nação a um dos mais altos vultos, monumento onde avultasse «a fronte pensativa e a face austera» do grande escriptor, grande patriota, grande luctador — o Mestre!

João Prudencio.

O centenario de Herculano

«O grande espirito de Alexandre Herculano, que para levantar a historia portugueza teria de empregar como alavancas todos os monumentos do passado existentes em Portugal, foi, como naturalmente devia ser, quem por elles despertou, nos seus contemporaneos, o sentimento do respeito devido.»

Ribeiro Arthur — *Arte e Artistas Contemporaneos*, 2.ª serie.

Permittam-me os leitores que transcreva, na integra, o seguinte artigo dado á estampa no numero 2923 (5789) do jornal *O Dia*, correspondente a terça-feira, 7 de dezembro de 1909:

«O nosso velho amigo sr. Gomes de Brito, erudito investigador, que varias vezes tem enriquecido as columnas d'este jornal com interessantissimos artigos seus, associa-se tambem á apotheose centenaria do Mestre, de quem teve o invejavel prazer e a grande honra de ser discipulo, conservando até agora a mesma veneração e o mesmo respeito que lhe consagrára durante a sua existencia. Eis a carta que a tal respeito se dignou dirigir-nos e na qual vêmos com infinito prazêr recordado o que n'este mesmo jornal escreveu Gomes de Brito sobre a celebração do centenario de Herculano, no seu brilhante artigo de 3 de julho de 1906:

Meu presado amigo Moreira d'Almeida

Cumpre-me agradecer-lhe a muito honrosa referencia que v. se dignou fazer no *Dia*, de hontem, ao meu nome obscuro, e á parte que v., como meu provado amigo, exprime o desejo que eu haja de tomar parte na proxima futura-apotheose do Mestre.

Porque vem a ponto, permitta me v. lembrar que, tendo tido a honra de publicar no seu jornal n.º 1:923 (4:796), correspondente a 3 de julho de 1906, algumas considerações, ácêrca do nascimento de Alexandre Herculano, as rematei com o seguinte periodo:

— Que o povo de Lisboa, pois, se lembre que em 28 de março de 1910 se completarão cem annos que nasceu dentro d'ella o auctor egregio da Historia de Portugal —.

Ficou desde aqui implicitamente feito, como se vê, o convite para a celebração que se projecta, e ao *Dia* ficou, por egual, cabendo, como tanto estimo, a prioridade no lembrar, e com toda a antecipação que a data patenteia, a conveniencia de se pensar na celebração d'este centenario, que tanto importava a Lisboa não esquecer.

Por extremo folgo, como v. bem comprehenderá, que o — Povo de Lisboa — haja em fim alcançado, dentro e fóra da capital do reino, ao cabo de mais de tres longos annos, e tambem á falta de mais directa e natural — direi até — legal e legitima iniciativa, quem se quizésse encarregar da celebração centenaria do cidadão illustre que tanto se vanglorisava de vir do *Povo*, que tanto se afadigou por esmerilhar-lhe as origens, e tanto quiz, em summa, — ficar com o povo, até á morte —, segundo as proprias expressõs, por Herculano firmadas, em carta particular que está presente.

E já agora, se v. m'o permitte, aproveitarei a sua bondade, para mais uma lembrança. Projecta-se para o proximo futuro 28 de março, segundo leio, a collocação de uma lapide commemorativa — na casa do pateo do Gil, onde Herculano nasceu —.

Tomo a liberdade de lembrar que a — casa que hoje se vê sobre o grande portal que tem aquelle numero (o 458, da rua de S. Bento)... *não é aquella em que elle nasceu*, e em que foi creado. Essa ficava mais a dentro do Pateo (do Gil) e *foi destruida*, quando se fez a casa nova.

Taes são as expressões empregadas por Xavier Rodrigues Cordeiro, na biografia de Herculano, publicada (em 2.ª edição) no *Almanach de Lembranças* para 1879.

Será bom ter em vista estas circumstancias, para a redacção epigraphica da projectada lapide, podendo-se com facilidade adoptar expediente semelhante ao que se praticou em Paris, para assignalar o sitio *onde esteve a casa* em que falleceu Molière:

— *Maison battie sur l'emplacement de celle où Molière est mort, le 17 février 1673* —.

Declaro que cito de memoria, tendo perdido o nome da rua de Paris onde, ha trinta e tres annos, vi esta lapide.

Em summa, e para terminar, com toda a satisfação declaro a v. que tenciono, com effeito, associar-me á — apotheose do Mestre —, pelo unico modo que me é possivel: — publicando no dia 28 de março de 1910 algumas impressões do que para mim foi o coração affectuoso do Grande Escriptor portuguez e lisbonense, como v. e eu o somos, e que se chamou *Alexandre Herculano*.

Abraça-o, meu presado amigo Moreira d'Almeida.

O seu
Verd.º obrig. am.º e adm.

Gomes de Brito.»

E' interessante a carta que acabo de transcrever, sob todos os pontos de vista e tanto mais, quanto é certo haver o seu vernaculo auctor privado na intima convivencia do immortal historiador; mas, acima de tudo, moveu-me a transcrevêl-a o facto de desejar tambem accentuar para o Occidente, a parte que lhe compete em iniciativa de homenagens ao inconfundivel vulto da nacionalidade portugueza.

Esta revista encetou a sua publicação no dia 1.º de janeiro de 1878, consagrando o seu primeiro numero a Alexandre Herculano, cujo retracto, deveras primoroso, honrou e illustrou a pagina de abertura.

Posteriormente, a mesma revista, commemorando o seu vigessimo-quinto anno de existencia, em janeiro de 1902, reproduzia a nobre effige do venerando ancião com que tinha inaugurado o seu cyclo de publicidade.

E não se limitou por ahi, deu á estampa outro retrato de Herculano, sempre no logar de honra, em setembro de 1904, acompanhado de artigo allusivo ao passamento, occorrido aos 13 dias de egual mez, no anno de 1877, em Val-de-Lobos, não longe de Santarem.

Sob o titulo: *Um centenario proximo* — ainda inseriu a revista O Occidente, um artigo inspirado pelas conceituosas palavras de Gomes de Brito, já aqui transcriptas e n'elle trasladadas:

«Que o Povo de Lisboa, pois, se lembre que em 28 de março de 1910 se completarão *cem an-*

nos que nasceu dentro d'ella o auctor egregio da Historia de Portugal.»

Este ultimo artigo sahiu a lume no n.º 1001, de 20 d'outubro de 1906, e é datado de setembro em que teve a honra de escrevêl-o quem firma as presentes linhas.

Fechava o com este assérto: O povo é juiz, juiz de vivos e de mortos.

Posto isto, adiante.

Quem era Alexandre Herculano?

A'quella em quem senti os carinhos e affectos maternaes que de outrem não recebi, a minha fallecida e veneranda tia, D. Theresa de Noronha, por mais de uma vez ouvi falar com respeito do homem typico, digno e austero que ella conhecêra no tempo em qne na Ajuda, fôra oraculo de mancebos no animo dos quaes calava a sua lição profunda e attrahente, pertencendo ao numero dos que o escutavam o seu e meu parente, Marquez de Sabugosa, a dormir, a dormir tambem agora na loisa inerte!

Estava em Anadia, quando a morte salteou o benedictino obreiro da historia patria, e foi n'essa localidade que, mais tarde, li, pela primeira vez, trabalhos do Mestre.

Recordo me perfeitamente que encetei o meu conhecimento com a prosa tersa, incisiva e clara de Herculano, pelo opusculo famoso — *Eu e o Clero* — que então me facultou por emprestimo, o escrivão de direito d'aquella comarca, Virgilio Zuzarte de Freitas Abreu.

Herculano teve por berço a capital, no anno da 3.ª invasão franceza, assignalado brilhantemente para as nossas tropas, na altura do Bussaco.

O documento comprovativo do seu nascimento, reza assim:

«Certifico que vendo os livros dos baptismos n.º 15 a folhas 172 v., encontrei o assento seguinte: Em 30 de abril de 1810, baptisou solemnemente o rev. coadjutor José Gonçalves Ferreira a Alexandre, filho de Theodoro Candido de Araujo e de Maria do Carmo São Boaventura, na ermida das casas da sua residencia, na rua de S. Bento, por despacho de Sua Eminencia, e nasceu em 28 d'este mez. Foram padrinhos Luiz Herculano de Carvalho e D. Maria Antonia de Ornellas, tocou seu marido Caetano Jorge Rodrigues, e foram os paes do baptisado recebidos em São Mamede. O coadjutor, José Gonçalves Ferreira. Está conforme. Santa Isabel, 23 de fevereiro de 1906. O coadjutor, padre Heitor Olympio Dias Antunes.»

Conforme os leitores devem ter notado, ha no documento precedente um defeito erroneo quanto á data do nascimento, que foi em 28 de março e não um mez depois, como se exara no documento alludido.

A este proposito andou travada na imprensa periodica uma curiosa discussão, sempre conduzida de luva branca, entre o citado escriptor Gomes de Brito e G. de Mattos Sequeira, ambos investigadores estudiosos e ambos provados nas columnas d'esta revista por collaboração intelligente e erudita.

A data de 28 de março permaneceu a limpo com a maxima nitidez de authenticidade plena, sem o minimo desdoiro e sem a minima prega para qualquer dos contendôres.

De Herculano, felizmente, não poderá o futuro hesitar e forjar como ácêrca de Camões, que, ao certo, ninguem sabe dizer onde lhe repoisam as cinzas!

Emigrado, por ser um espirito liberal; soldado valoroso de D. Pedro 4.º, que ajudou a firmar; dilecto de D. Pedro 5.º, que lhe não desconheceu o merito enorme, tudo isto está na consciencia publica e mais a sua jazida provisoria no tumulo do general Vieira Gorjão, no cemiterio da Azoia, e a trasladação do precioso cadaver para o sarcopago do templo dos Jeronymos, em Belem, onde o verbo eloquente do finado orador Alves Mendes, produziu em 28 de junho de 1888, n'essa precisa occasião, a mais perfeita e arrebatadora das suas orações sagradas!

Restava prestar ao maximo entre os nossos illustres, depois do épico dos *Lusiadas*, o culto apotheotico devido pela gratidão dos povos á memoria ingentissima dos seus luminares grandiosos.

E' isso que se prepara n'este momento, com adhesão unanime de todos os elementos vivos de Portugal contemporaneo. Nem á luz de esplendor deslumbrante d'este seculo, na hora de civilisação que atravessamos, seria compativel e perdoavel outra manifestação e outro procedimento.

Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo vinculou-se, pela verdade e pelo trabalho herculeo do gigantesco edificio da *Historia*, ao amor integral dos corações portuguezes, hontem, hoje, como amanhã. Se a patria, cujas origens descortinou, fixou e illuminou para todo o sempre houver de perder, através das idades, a autonomia que lhe cimentou Affonso Henriques por actos de heroica bravura e com testemunhos altiloquos do seu proprio sangue derramado na defesa do nascente Estado, a elle e a Camões deverá o não morrer para os seculos, o não se apagar ou expungir inteiramente dos registos da fama e dos annaes do mundo o estremecido nome que a bandeira azul e branca symbolisa e ostenta!

Ha, na obra insigne do insigne Herculano, uma pagina de louvor preeminente e de auscultação pacientissima e proficientissima da alma popular, — a que se refére aos municipios, mascula e bella instituição que a insensatez de politicos perfidos, interesseiros e egoistas crucificou em um calvario de vergonhas, prejudicando o povo trabalhador, prejudicando se a si proprios!

O segundo livro do Mestre que percorri com avidez foi a *Harpa do Crente*, seguindo-se-lhe o *Eurico*, a *Historia de Portugal*, o *Bôbo*, o *Monge de Cister*, e os demais.

Conheço artigos seus dispersos, não muitos, e a celebre collecção da Academia Real das Sciencias de Lisboa, por elle dirigida magistralmente, *Portugaliae Monumenta Historica*, onde foram aproveitados muitos pergaminhos entregues pela Universidade de Coimbra a Herculano, quando o inimitavel caboqueiro, cinzelador e burilador da historia realisou a sua fecunda e util colheita de manuscriptos do passado, para mais consonante archivo estavel.

De Alexandre Herculano muitas individualidades se teem occupado no campo da critica litteraria e philosophica, todas concordando no apreço do historiador que, sendo o mais distincto entre nós, conservaria a mesma linha de primeira plana em qualquer paiz de pujança intellectual superior, embora avultassem lá numerosos Mommsens!

Ainda quando Herculano apenas houvesse constituido a sua herança e a sua bagagem litteraria simultaneamente, com os quatro volumes da *Historia de Portugal*, suppondo até uma e a outra d'estas cousas reduzidas simplesmente ao quarto volume, ainda assim esse unico volume revelaria um cerebro não vulgar e tão só por elle haveria o auctor conquistado por legitimo titulo a celebração pelos municipios do seu dia centenario.

Restituir ás municipalidades os seus direitos abatidos, chamar as populações á consciencia pundonorosa das suas edilidades, respeitar a livre escôlha dos cidadãos em cada concelho, esta seria a maneira mais nobre e mais logica por parte do Governo, de contribuir com extremado patriotismo para o maior brilho da solemne apotheose de que poucas horas nos separam!

Não correm perigos, não periclitam os governos dos povos e as instituições que os regem, quando o caracter prudente e a energia honesta servem aberta e sinceramente o interesse publico, a suprêma causa nacional.

Pelo contrario, surge a indisciplina, baralham-se e confundem-se os serviços, perdem-se dias, mezes e annos consecutivos, quando os homens servem os homens, saltam por cima dos principios e multiplicam as centralisações ruinosas!

E' de casa o exemplo triste, e, com certesa, não cooperou para a nossa situação deprimente e de decadencia aquelle que aconselhou: «que, ao passarmos pelo pallido e caracomido portal da igreja de Santa Cruz, vamos saudar as cinzas d'aquelle homem, sem o qual não existiria hoje a nação portugueza, e, por ventura, nem sequer o nome de Portugal».

Os estudantes de todas as nossas escolas e institutos merecem n'este logar um applauso caloroso e enthusiastico, pela fórma correcta e despretenciosa como abraçaram a idéa do centenario e teem sabido avolumal-a, imprimindo-lhe o cunho caracteristico e alegre das suas idades juvenis e risonhas de esperança e de sonho.

Os seus esforços e boa vontade não são elemento de somenos importancia moral e civica, na imponente cruzada de nova especie, que tem por fim collocar a primeira corôa triumphal da posteridade na galeria em que a principal figura de destaque é a do grave lisbonense, que se chamou Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo!

E agora, para concluir, diremos com Mendes dos Remedios, na *Historia da Litteratura Portugueza:*

«Com elle perdeu a peninsula iberica o seu primeiro, o seu grande, o seu unico historiador, de quem póde dizer-se, sem lisonja, que reunia a elegancia de Xenofonte á energia de Sallustio, e a concisão de Tacito á imparcialidade de Polibio.»

D. Francisco de Noronha.

A proposito do Centenario de Alexandre Herculano

Quando vi concluida a impressão do tomo II das minhas *Memorias de um jornalista (Factos e homens do meu tempo)*, tive o cuidado de avistar me com o meu bom amigo sr. José Manuel da Costa Basto (actualmente aposentado do logar de director do Real Archivo da Torre do Tombo, que exercera com suprema distincção), para que elle conhecesse o meu humilde trabalho. Ahi o citava pelos serviços que prestára com tão profundo amor filial a Alexandre Herculano nos ultimos dias da sua existencia e o parecer delle tinha para mim a importancia da confirmação de algum facto, que, passados muitos annos e á fa'ta de apontamentos que não tomára, não o expuzesse com verdade.

Interrogado a esse respeito, acudiu com resposta que me tranquillisou, dizendo-me que não me enganára nos pormenores essenciaes, dando-me outros em adicionamento que me satisfizeram plenamente e de que me servi para outro artigo com que, a proposito do centenario de Alexandre Herculano, concorri para o trabalho dos estudantes de Coimbra e será agora impresso.

Mas eu não me contentei com o que averiguára. Deparando-se-me depois o sobrinho e testamenteiro, meu illustre amigo, João Galhardo, lente jubilado da Escola Naval, interroguei-o tambem ácêrca da vida do egregio historiador e do que escreveram delle varios biographos e panegyristas e ouvi esta resposta:

— Ha pontos obscuros na vida de meu tio, que os biographos e criticos não conseguiram deslindar, mas que eu conto escrever com clareza e exactidão. Não deixarei no escuro minucias para que a luz seja feita sobre factos que em nada desmerecerão o alto conceito em que todos o devemos considerar. Essas falsidades relativas a Herculano ralam-me.

— Quando apparecerão tão preciosos elementos da sua elegante penna? tornei.

— Logo que tenha colligido os meus apontamentos, mas demorarão algum tempo. Sinto-me cançado, aborrecido e muito doente. O que puder escrever ou servirá de introducção a alguns dos volumes dos opusculos, que estão na forja, ou dará materia para um tomo em separado e não será dos menos lidos. Tenho vontade de rectificar alguns factos referidos com inexactidão grave e que ainda não consegui apurar.

Trocámos ainda algumas palavras affectuosas e saudosas com relação ao fallecimento do egregio historiador e separámo-nos, offerecendo-me Galhardo a sua casa.

— A minha casa ainda é na rua da Palma. Receberá noticias minhas.

Não vieram, infelizmente.

Passados dias, li nos periodicos a noticia do fallecimento do illustre lente João Galhardo, por tal signal acompanhada de singelos, escassos e incompletos dados biographicos. Nem uma palavra sequer referente ao trabalho que lhe havia dado a impressão dos preciosos tomos dos opusculos com as interessantes notas, que os enriquecem, após o obito de Alexandre Herculano; nem relativos a quaesquer inéditos que fôsse necessario divulgar. Só li no *Diario de Noticias*, ao que me lembra, um breve registo desse lutuoso facto, mas sem outros esclarecimentos porque não os tinha naquella occasião o redactor que escrevera a noticia.

Em vista da sã consciencia com que fazia os seus trabalhos, do parentesco que o ligava a Alexandre Herculano, do affecto que lhe dedicava, das confidencias de que seria certamente depositario, e da arrecadação e exame do seu espolio scientifico e litterario, que lhe coube no testamento do tio e mestre de todos, era natural conjecturar-se que a nova obra biographica que o illustre professor João Galhardo confessára que escreveria para elucidar pontos não perfeitamente conhecidos da biographia de Alexandre Herculano, ficaria senão completa, quando menos em notavel adeantamento e em termos de entregar-se ao beneficio do prelo, salvando se desse modo de perda lastimosa e irreparavel.

Assim se ampliaria o formoso livro que o conselheiro Antonio de Serpa Pimentel consagrára ao mestre sob o titulo *Herculano e o seu tempo*.

Sabia que João Galhardo, na introducção do tomo X dos *Opusculos*, se denunciára. No final, a proposito da grave questão que incommodára Herculano quando sahiu da sua brilhante, fogosa, viril e conscienciosa penna a *Historia da Inquisição*, escrevera (pags. VIII e IX):

«Igualmente ligada ás graves questões que te-

Centenario de Alexandre Herculano

mos apontado e uma outra singularmente notavel, estava desde muito discorrendo... Mas tão longa, complexa e cortada de incidentes ella foi, que a sua narrativa não caberia no estreito espaço de que nos é licito dispôr para estas advertencias. Temos, pois, de a deixar adiada para opportunidade e logar em que possamos expô la com a clareza que requer, por ser um dos episodios mais notaveis da época em que succedeu e o mais impressionante da tempestuosa vida do nosso historiador.»

Confiando, portanto, em que podia conseguir algum subsidio valioso ácêrca do manuscripto inédito, indaguei na antiga livraria editora Bertrand, successora a firma José Bastos & C.ª, que adquirira dos herdeiros de Herculano o direito da reproducção das suas obras, e o proprio sr. José Bastos, meu amigo, me assegurou que, entrando na averiguação do que existiria para a prosecução da impressão dos opusculos e quaesquer inéditos que viessem a incorporar-se em tão importante serie de publicações, os herdeiros do illustre professor João Galhardo nada tinham informado com referencia ao que este desejaria escrever, pois apenas sabiam que ainda estava revendo e apartando algumas cartas, artigos e outros elementos de valor, para mais dois ou tres tomos dos ditos opusculos, mas não lhes falára ainda de pôr em ordem ou de revêr quaesquer apontamentos que porventura tivesse para a biographia de Herculano.

Esta noticia desgostou-me. Tinha a convicção, pelo que me dissera o meu honrado e illustre

Tumulo, no adro da egreja da Azoia, onde primeiro repousaram os restos mortaes de Alexandre Herculano

amigo, sobrinho e herdeiro de Herculano, e na confiança plena na sua intelligencia e no seu zelo de investigador, de que o fallecido João Galhardo nos deixaria algumas paginas sobremodo preciosas para a biographia do egregio historiador, que tão amargos dias passára na vida, que soubera lutar e vencer gloriosamente, de adversarios, inimigos e invejosos, que o assaltaram com aspereza quando vivia, mas que o encontravam prompto para o combate e mais ousaram aggredi-lo depois de morto, e ainda nesta solemne hora não descansam em febril insidia quando a nação inteira se ergue para o glorificar!

Os applausos acariciadores e lisongeiros, que recebeu com justiça por muitos annos, em vista do seu caracter austero e do seu côração sensivel, nunca lhe suavisariam, por sem duvida, as dôres infindas e crueis com que pretenderam martyrisa-lo porque a luz vivissima que elle derramava a flux os deslumbrava!

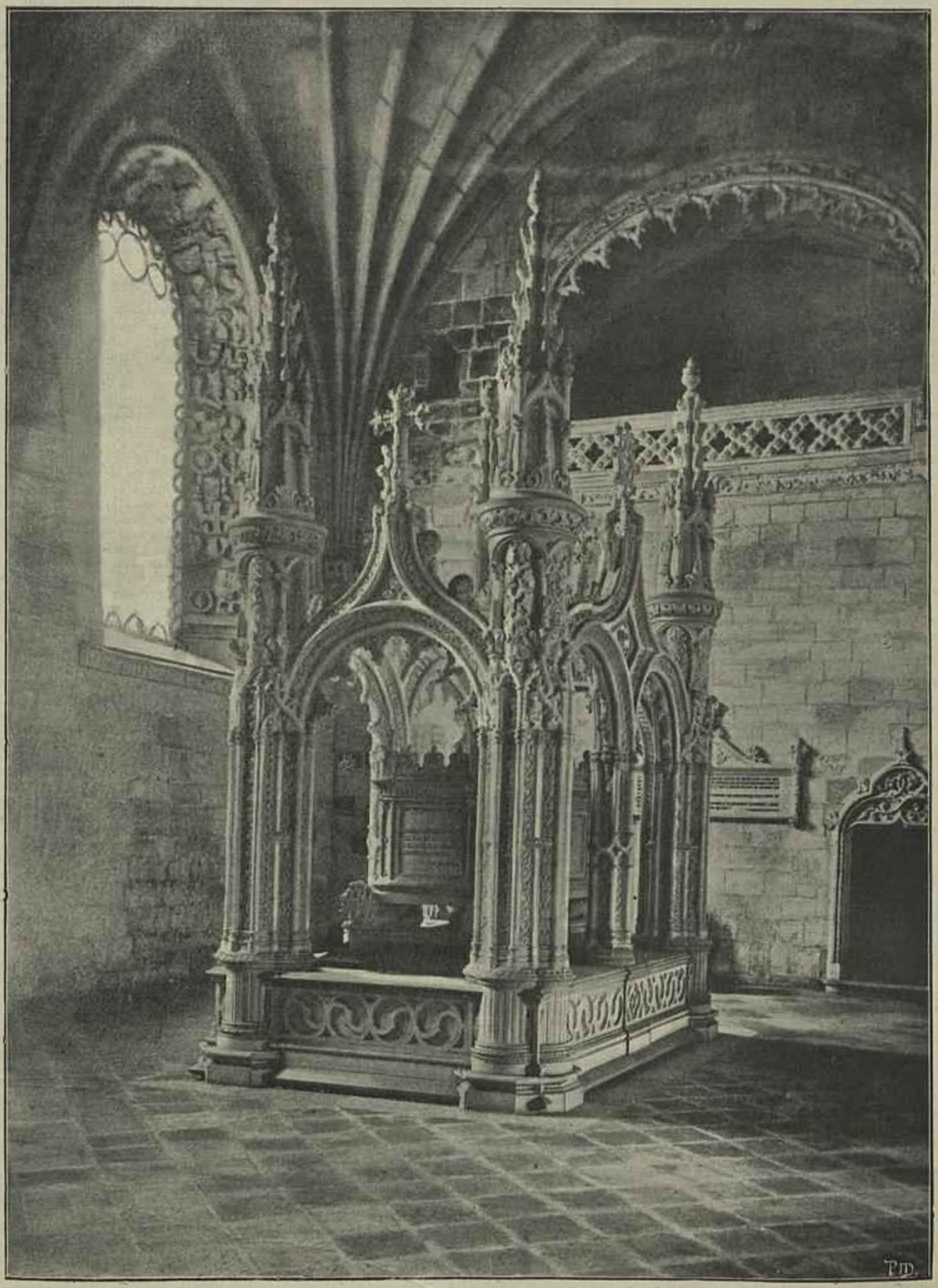
Illudi-me! Triste desengano.

Para mim este desengano é tanto mais pungitivo e dilacerante quanto é certo que penso e sinto com Antonio de Serpa, jornalista e poeta como elle e com elle entrando em pugnas acezas e acerbas num periodo de lutas intestinas, em que os dois se empenhavam com fervor patriotico e valentia. Antonio de Serpa remata o seu encantador livro, que citei já, com estas palavras memoraveis:

«Tres seculos depois da morte de Camões morre Alexandre Herculano. Neste longo intervallo não ha um só nome em

Povoação da Azoia de Baixo donde foram trasladados os restos mortaes de Alexandre Herculano para o seu mausoleu no Mosteiro dos Jeronimos, em 28 de Julho de 1888

Centenario de Alexandre Herculano



Mausoleu onde repousam os restos Mortaes de Alexandre Herculano, na Capela tumular do Mosteiro dos Jeronimos

(Fotografia Rocchini)

Portugal que aos dois se possa igualar. Estes dois nomes sós dão uma litteratura e uma nacionalidade.» (Pag. 220).

Deste modo se justifica, superiormente, o centenario do egregio historiador levantando-o á altura do de Luiz de Camões, o assombroso cantor dos *Lusiadas!*

Lisboa, março de 1910.

BRITO ARANHA.

Antonio de Serpa Pimentel e Alexandre Herculano

Alguns annos depois da morte do egregio historiographo, o illustre escriptor, poeta e estadista, o conselheiro de Estado Antonio de Serpa Pimentel dava á estampa um livro importante e interessantissimo sob o titulo *Alexandre Herculano e o seu tempo*. E' trabalho de alta valia não só pela belleza e fluencia do estylo, mas tambem pela boa critica na apreciação das obras do mestre e na apresentação e defensa do seu caracter, considerado em todas as phases da sua vida não isenta de contrariedades, ralações e desillusões.

Pela singela enunciação das principaes partes, trechos ou capitulos em que se divide esse livro, se avaliará a sua importancia, e pela elevada estatura do seu auctor se conhecerá que não póde deixar de prender a attenção dos estudiosos. Na opinião da pessoa que escreve estas linhas, foi o trabalho critico mais completo, mais perfeito e mais justo, que safra até então dos prelos portuguezes concernente a Herculano e á sua gigantéa obra.

Antonio de Serpa Pimentel considerou o egregio mestre como litterato, poeta, historiador, periodista, jurisconsulto, polemista e economista, e até o aprecia na sua vida particular, dando-nos alguns traços caracteristicos nas suas afeições e nas suas antipathias, mas sempre guiado pelos sentimentos mais nobres e pelo mais puro amor á patria e á liberdade, de armas bem temperadas contra os falsos e hypocritas que o calumniavam e malsinavam.

Nem a indole da nossa revista O OCCIDENTE nem a escassez do espaço de que dispômos, não nos permittem transcrever nestas paginas algumas notas das mais sympaticas e sugestivas do livro de Antonio de Serpa Pimentel, mas não queremos furtar-nos ao desejo de reproduzir algumas linhas de tão bello trabalho e brindar com ellas os leitores neste numero dedicado como preito á memoria gloriosa de Alexandre Herculano.

Vamos copia-las das ultimas paginas do livro, que se referem á vida particular do mestre, escriptas por quem, como se sabe, viveu na intimidade do excelso historiador. Leiam-se:

«Não escrevemos a biographia de Alexandre Herculano; tentámos apenas um estudo das suas obras e das suas opiniões. Os factos da sua vida particular nada teem de commum com o nosso trabalho. Todavia foi essa vida tão simples e immaculada, e foi tão grande a influencia do caracter do auctor sobre a sua obra, que alguns leves traços d'essa vida intima, servindo para melhor avaliar o caracter do pensador e do homem publico, não deixaria aqui de ter cabimento.

«Mais de uma vez dissemos que Alexandre Herculano era affectuoso, e que era rude e impetuoso ninguem o ignora, elle o confessa, e mais do que elle o denunciam muitos dos seus escriptos. Estas qualidades que parecem contradizer-se muitas vezes se reunem, e em subido grau, no mesmo individuo. Alexandre Herculano prezava nos outros os dotes da intelligencia e ainda mais as qualidades nobres do coração e do caracter. Para esses era sempre affectuoso. Mas sincero, sensivel, apaixonado, se alguma vez reconhecia que se tinha enganado, não o encobria. Discutia com a maxima placidez, na imprensa ou de viva voz, com qualquer individuo, quando via, ou quando julgava que o seu contendor era sincero; mas quando o suppunha de má fé ou movido por intuitos pouco nobres, a ironia, o sarcasmo, a apostrophe exagerada saíam-lhe impetuosas e violentas, e d'ahi vinha a persuasão de muitos que o não conheciam familiarmente de que elle era homem de duro trato.

«A verdade era a paixão de Herculano, e a esta deusa sacrificava tudo. Bello e nobre defeito! Por isso elle ás vezes era rude no meio das convenções sociaes e politicas, quando ellas representam a negação da verdade. Mas todas as paixões, por mais nobres, conduzem á exageração, que dá relevo e calor ao estylo, mas que leva a ultrapassar os proprios limites da verdade que se preza. Foi o que aconteceu a Herculano em algumas das suas polemicas. Elle teve o talento de o reconhecer, e a virtude de o confessar em publico. Na vida intima, a sua franqueza era a mesma. E como o seu espirito era cultivadissimo, o seu trato entre amigos era tão singelo como agradavel.»

ANTONIO DE SERPA PIMENTEL.

Alexandre Herculano, Agricultor

O Egregio Português, de quem hoje a Nação sua compatriota celebra o Primeiro Centenario, não foi só o inspirado Poeta das pias crenças christãs, o auctor da *Semana Santa*, do *Mosteiro Deserto*, da *Cruz Mutilada*; o traductor vernaculo do *Hymno de Ramos*. ALEXANDRE HERCULANO não foi só, com effeito, o espirito profundo que pensou e produziu toda aquella poesia saudosa e mystica da sua juventude, e até de seus mais adiantados annos; attestado irrecusavel da alma christianissima que animava o futuro defensor dos tristes espoliados egressos, o protector compadecido das desvalidas e esquecidas monjas laurbanenses.

O Grande Coração de Patriota estreme que levantou um brado «a favor dos Monumentos Patrios» não foi só o romancista que tão bem soube identificar-se com os segredos da Natureza, descrevendo lhe com mão de Mestre as prodigiosas manifestações. Não foi só aquelle mago escriptor que pintou, em *Eurico*, o melancholico espectaculo do pôr do sol do Estreito, e a lucta crepuscular, esvaindo se no pavoroso negrume daquellas noites fatidicas de Carteia. Não foi só o que descreveu o horrido fragor das torrentes, precipitando-se furiosas, atravéz as penedias, salvando precipicios e alastrando-se pelas planicies, até se engolfarem no mar. Não foi só o que tão bem imitou o medonho trovejar das tempestades, reproduzindo o horroroso embater dos combates; nem só o que teve alentos para estampar o terrivel fragor das batalhas em tantas paginas bronzeas, de sonora e onomatopaica linguagem!

A seu nuto rugiam, é verdade, as procellas no espaço, como devastaram a alma de tantos dos seus esculpturaes personagens, que elle animou com o sôpro potente da sua privilegiada imaginação. Pelo seu só querer, com effeito, se desencadeiam os ventos, abatendo com a furiosa violencia dos furacões, as arvores seculares das florestas, tal qual a dúvida, de que elle tão bem descreveu os tristes, inquietadores effeitos, devasta a alma dos pensadores e dos philosophos, debruçados á beira do abysmo, no fundo do qual só existe *o nada!* E com a mesma facilidade com que os repellões da ventania arrancam da terra, joeirando-os nos ares, os arbustos humildes que vegetam pelo escampado das clareiras, e pela orla dos bosques selvaticos, assim o seu braço possante levanta as marmoreas lageas sepulcraes, e acordando do seu eterno somno secular os reis e os principes, os nobres e os poderosos, e insuflando-lhes nova vida, os espalha, quaes titeres, a seu só impulso movidos, pela scena do mundo que já habitaram, enchendo-o com o espectaculo de suas boas acções ou de seus crimes, e com o supplice bradar de seus remorsos, ou a lava de suas lagrimas candentes.

Tampouco foi só ALEXANDRE HERCULANO o historiographo severo das crueldades que teceram a téla sanguinosa, sobre a qual se repintam, com sinistra luz, sinistras côres, as scenas horrorosas do nefando Tribunal que fabricava delinquentes nos potros e polés, para augmentar com elles o cannibal repasto dos Autos de Fé. Tampouco foi só o historiador vivaz das Origens da patria nacionalidade, e das fontes do direito público nacional, que a influencia das escolas de Bolonha e de Pisa deviam afogar.

ALEXANDRE HERCULANO foi mais alguma cousa do que tudo isto; — foi o Agricultor apaixonado que poz ao serviço da mais importante das nossas questões de administração geral interna, — a da *agricultura patria*, os recursos da sua poderosa intelligencia, alliados á predilecção que lhe mereceu sempre a poesia dos campos, de todos os generos de poesia o que para nós, portuguêses, tem o duplo merito de casar o util com o agradavel.

A quem, senão a ALEXANDRE HERCULANO, se devem, com effeito, as primeiras tentativas de vulgarisação agronomica, de que, após a guerra fratricida da Liberdade contra o Despotismo, espoliador dos campos, se intentou popularisar entre nós o gosto? Não foi a Elle, não foi, porventura, a ALEXANDRE HERCULANO que seus compatriotas ouviram, pela primeira vez, depois de 1834, chamar lhes a attenção para a *Agricultura Nacional*; para o que ella estava sendo, e para o que podia ser?

Presidente da Camara Municipal de Belem, de onde a tréda politica o obrigou a sair, e a seus dignos collegas, não foi ALEXANDRE HERCULANO quem primeiro pensou no instituir-se uma Caixa de credito agricola, «especie de banco rural», como elle proprio a definiu, que assegurasse, no concelho de sua esclarecida administração, allivio certo á agricultura, ameaçada de imminente desastre?

Quando, em 1856, se começou a debater no Parlamento a magna questão dos vinculos, quem fez o quadro do que era a agricultura portuguêsa desses calamitosos tempos, e quem melhor e mais ao vivo, como quem a fundo lhe conhecia a angustiosa e difficil situação, a pintou, a descreveu e a discutiu e esclareceu, senão Elle, senão ALEXANDRE HERCULANO?

Dezenove annos depois, em 1875, surge a questão da *Emigração*.

Nascera esta questão mal conformada, visto como as premissas em que assentava estavam longe de serem exactas. As conclusões, pois, não podiam senão sahir erradas, não se deduzindo, como parecia, ou se fazia parecer, da verdade dos factos. Partia-se do convencimento, ou real ou suppositicio, de que as difficuldades com que luctava a agricultura nacional procediam tão só da falta de braços. Daqui, como consequencia, a elevação dos salarios. Propunha se, pois, o obrigar o proletariado rural a permanecer na patria, e lembrava-se emprega-lo, vejam! em colonisar o Alemtejo. Tal tem sido a eterna preoccupação dos que teem vóz nestas questões, mas se limitam a discretear sobre ellas, sem se importarem de saber, por exemplo, como é que a Hollanda funda provincias sobre os pantanos do Ziuzerdé.

A liberdade individual era, pois, sacrificada ás conveniencias de certa classe preponderante, e o velho brocardo romano tinha sua applicação, mas ao inverso. — Não era o «*salus populi*», era a conveniencia e o interesse de quem lhe convinha explora lo, que haveria de constituir a suprema lei.

HERCULANO, agricultor, e revolucionario de uma das mais valiosas industrias campestres do paiz, por seculos enfeudada á rotina, que Elle tanto combateu, HERCULANO, sollicitado a dar o seu parecer, começou, ao abrir da primeira das suas celebres «CARTAS», pelo repudio das premissas em que assentava o *Questionario* que lhe fôra, dirigido. Propondo-se provar que o problema se pusera mal, chamou para logo a attenção dos interessados para as causas verdadeiras dos mal entendidos phenomenos economico-agricolas, a que se buscava errada solução.

Não seguiremos o Illustre Escriptor, em seus tão profundos quão luminosos raciocinios. As suas «CARTAS» são o perfeito epitome do profundo conhecimento que elle tinha do seu paiz e da sua maneira de ser; dos vicios organicos que se oppunham ao seu desenvolvimento agricola, entre os quaes o primeiro, a falta de instrucção, geral e especial.

Entrando, como era seu proprio costume, na analyse pormenorisada das causas do nosso atraso agricola, definiu as todas. Denunciou o incompleto, o imperfeito e o deficiente dos processos empregados rotineira, e inintelligentemente. Notou a falta de gados, tão necessarios á copia de estrumes, sem a qual a cultura dos cereaes, um dos tres unicos recursos do nosso solo aravel, não prospera. Apontou a falta ou a miseria das pastagens e a sua insufficiencia, a indifferença com que se deixam correr para o mar os nossos rios e ribeiras, sem lhes aproveitar o volume aquoso. Pronunciou-se contra as tristes rotações biennaes e triennaes, em que raramente figuram as hervas de fouce, e chamou a attenção dos interessados para a falta de arte, com que se acode ás insufficiencias da natureza, no tocante á alimentação dos animaes. Propugnou a generalisação dos prados artificiaes, e levantou-se com vehemencia contra os baldios, «um dos mais graves embaraços ao progresso da agricultura».

Não é para um singelo artigo commemorativo o innumerar tudo quanto se contem neste *Evangelho do Agricultor*, que se chama «CARTAS SOBRE A EMIGRAÇÃO», e se applica a examinar os vicios, os erros, as imprevidencias e as contingencias de que padece e a que está sujeita em

Portugal a industria das industrias — ; a agricultura nacional.

Do mesmo modo, não é para uma summaria revista o apreciar cada uma das «Cartas sobre a Emigração». Baste lembrar que ahi, onde se verberam os erros commettidos pela ignorancia de nossos agricultores, ahi onde se condemna o *absenteismo*, que é uma das causas do definhamento agricola, ahi onde se combate a immoderada queda que o agricultor proprietario alimenta para *se arredondar*, com prejuizo da sua casa e de seus haveres, tão contingentes ; ahi se nota a paixão que devora o proletariado rural, pelo *fôro* — *«o meu fôro!»* — e se faz desta paixão o estimulo destinado a ligar o que poderia ámanhã ser emigrante á terra do seu berço.

E' a theoria da *emphyteuse*, que a summa intelligencia de Alexandre Herculano expôs, analysou e preconisou. E' a «associação do trabalho rustico com a propriedade territorial, de maneira que mutuamente se auxiliem para melhorar a condição do obreiro dos campos». Furtar-se-hia ao mesmo passo ao Internacionalismo o proletariado rural, o proletariado seriamente perigoso, sobretudo nos paizes de apoucada industria fabril.

Assim, Herculano, agricultor, demonstrou-se a um tempo jurisprudente, economista e sociologo, como, quando homem de letras, se patenteara poeta, romancista e historiador.

E' esta segunda feição da sua vida, que está ainda por estudar e por apreciar, no muito, e muito profundo que demonstra ter sido o talento daquelle cerebro extraordinario. E é tambem quando se pensa, lendo lhe pausada e reflectidamente cada uma destas suas *onze* «Cartas», que manancial de doutrinas, de factos e de exemplos a aproveitar não deixou uma esteril polemica anthipathica deslisar ao longo de bem possiveis outras tantas cartas, com irremediavel prejuizo de milhares de leitores e do paiz a quem tanto aproveitariam.

Março, 18-1910.

Gomes de Brito.

O Mausoleu de Alexandre Herculano nos Jeronimos

Alexandre Herculano faleceu a 13 de setembro de 1877, na sua casa da Quinta de Val-de-Lobos, proximo de Santarem, e foi sepultado no jazigo do general Vieira Gorjão que se encontra no adro da egreja da Azoia de Baixo, povoação tambem proxima de Santarem.

Daqui fôram trasladados os restos mortaes do auctor da Historia de Portugal, para o mausoleu erguido numa capéla do mosteiro dos Jeronimos, em 27 de junho de 1888.

A capéla onde o mausoleu foi construido, é a que se encontra ao norte da egreja e junta ao claustro, a qual estava por acabar, faltando lhe a abobada, o que o governo mandou fazer.

O mausoleu foi delineado por Eduardo Augusto da Silva, e para se construir abriram uma subscrição alguns amigos e admiradores do grande historiador português, o que se encontra expresso numa inscripção embebida na parede, e resa assim:

Esta capéla foi mandada completar pelas côrtes geraes da nação, para ficar sendo o monumento a Alexandre Herculano, sob proposta do deputado Marianno Cyrillo de Carvalho em 22 de março de 1884 e com o auxilio eficaz do ministro das obras publicas, Antonio Augusto de Aguiar. O mausoleu e a estatua do crucificado fôram erigidos por subscripção feita entre os amigos e admiradores do finado. As obras da capéla e do mausoleu fôram gratuitamente e zelozamente planeadas e dirigidas pelo distincto engenheiro Manuel Raymundo Valladas.

A Commissão.

O crucificado que existe na capéla é esculpido em marmore pelo esculptor e hoje diretor da Academia de Belas Artes de Lisboa, sr. Simões de Almeida.

Encontra-se mais larga noticia sobre este monumento a pags. 187 do vol. XI do Occidente, n.º 348.

Uma carta inédita de Herculano

Agora que todas as classes da sociedade portugueza, sobretudo as intellectuaes, procuram commemorar, de diversos modos, o centenario do grande escriptor portuguez, que foi Alexandre Herculano, figura de hontem e que parece já de seculos remotos, não se dirá que vem fóra de proposito trazer a publico uma carta, até agora inédita, d'esse homem, que, com o divino Garrett e com o famoso Castilho, formam a trindade augusta das lettras portuguezas no seculo findo, o seculo que de Garrett se chamou.

Quanto a nós a figura de Herculano não só não foi ainda convenientemente estudada, mas tambem não é sufficientemente conhecida, apezar do muito que a seu respeito se tem escripto e da quasi legião de panegyristas que a sua memoria tem tido. Não seremos nós que nos abalançaremos a tão importante trabalho, porque somos dos mais modestos obreiros das lettras, e trabalho da ordem do que se requer compete aos que vão na dianteira, aos *marechaes* — como agora está em uso dizer-se — e não aos simples soldados.

Quem sabe, mesmo, se não teremos ainda de esperar por outra geração, mais audaz e menos eivada de preconceitos, para que na litteratura e na historia portugueza appareça, emfim, desenhado a traço firme, o verdadeiro perfil d'esse escriptor ao qual os reis e os imperadores cortejavam e que parecia comprazer-se em desdenhar das suas graças e mercês, escondendo-se a preitos e honrarias e feliz no meio da modestia a que, de certa época em diante, se remetteu!...

Como Garrett — que melhor temos estudado e que melhor suppomos conhecer, por uma sympathia especial que a sua obra e a sua accidentada vida em nosso espirito despertou desde tenros annos, levando-nos a procurar contribuir com todas as nossas forças para a sua definitiva consagração — tambem Herculano é grande demais para poder ser visto de perto. As grandes figuras são para se vêrem de longe, e qualquer d'elles muito perto se encontra ainda para que a perspectiva resulte perfeita.

Ponhamos ponto nas considerações que ia-mos produzindo, que nos levariam, talvez, onde não queremos chegar, e occupemo-nos da carta inédita de Herculano a que fizemos referencia no começo d'estas linhas. Ha n'essa carta, que damos em *fac-simile*, não só a confirmação da por todos apregoada modestia do homem que a escreveu, evidentemente sem a destinar á publicidade, mas tambem, — e, quanto a nós pelo que da nossa observação resultou, — uns laivos da cortante ironia em que tanto parecia comprazer-se o espirito do seu venerando signatario.

A carta foi dirigida ao sr. conselheiro José Maria da Silva Leal, jornalista e escriptor publico, pae do conhecido bibliographo e antiquario sr. Sebastião da Silva Leal, nosso muito presado consocio, camarada e amigo, que do precioso manuscripto, hoje em seu poder, nos deu conhecimento. O sr. José Maria da Silva Leal, que fôra um dos mais devotados membros da Real Associação dos Architectos e Archeologos, fundada em Lisboa por Joaquim Possidonio Narciso da Silva, e que com o grande Herculano mantivéra as mais cordeaes relações, querendo honrar mais e mais a prestimosa instituição, lembrara se de propôr a nomeação de Herculano como socio de merito, proposta que teria todo o cabimento e que seria de toda a justiça em face dos trabalhos historicos do proposto. Ou porque, como amigo, conhecesse bem o *feitio* de Herculano e não quizesse, conhecendo-o, contrarial-o de surpreza; ou porque outra qualquer ordem de circumstancias imperasse no seu animo, não fez a proposta em que pensára sem a communicar préviamente ao *interessado*, digamol o assim.

A carta que vamos reproduzir, de Alexandre Herculano, é a resposta a essa em que José Maria da Silva Leal communicára o proposito em que estava de lhe arranjar um diploma de socio de merito da Real Associação alludida. E', como se vê do *fac-simile*, datada de Val-de Lobos a 7 de Março de 1876, e o seu theor é o seguinte, que damos para elucidação de quem não queira decifrar a caligraphia, por que esta, sem ser má, é, todavia, em certos pontos, um pouco confusa:

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Começo por agradecer a V. Ex.ª a prova que me dá de que não sahi de todo da sua lembrança, nem perdi na corrente impetuosa dos annos a sua amizade.

Depois, pedirei instantemente a V. Ex.ª que não empregue a sua benevolencia para comigo em fazer a proposta a que allude a sua carta.

Quando eu tivesse direito a ser contemplado pela associação a que V. Ex.ª se refere, não teria direito, e, *o que mais é, nem vontade*, de me queixar de haver sido esquecido, se é que o fui, o que para mim é duvidoso. *Pois que faço eu ha muitos annos senão buscar que me esqueçam?* Teriam correspondido aos meus desejos. No esquecimento não houve portanto a minima offensa. Sou hoje apenas um modesto agricultor, e a cousa que unicamente me doeria fôra negarem-me que soubesse um pouco do meu officio.

Socio de merito, diz V. Ex.ª. Pelo amor de Deus! Com que bullas? V. Ex.ª bem sabe que no nosso tempo era preciso estudar muito para saber pouco. Faltavam os methodos, o habito das syntheses profundas, das generalisações potentes. Vivemos os dias mais fecundos da vida n'uma atmosphera espessa e de horisontes acanhados. Quando volvemos os olhos para o passado, para os marcos que deixamos na via dolorosa do trabalho intellectual, envergonhamo-nos da exiguidade e mal talhado das pedras. O mundo tem andado: *methodos mais simples, processos mais faceis, intelligencias mais subtis, loquella mais alta e mais brilhante deixam na sombra o pouco que fizemos*. E quer V. Ex.ª tomar um d'esses raros e rudes obreiros de outro tempo e collocal-o em logar distincto entre os muitos que mais pódem e valem? E' impossivel, meu amigo. *Deixe-me ficar na minha tranquilla obscuridade*, pensando no meu vinho e no meu azeite, no meu trigo e nas minhas batatas.

Não creia, porém, que a affeição do lavrador de Val-de-Lobos pela obscuridade tranquilla é tão excessiva que não admitte quebra. Admitte-a logo que se possa utilisar em serviço particular de V. Ex.ª, de quem sabe que sou

Amigo Velho e Obg.mo C.

(a) *A. Herculano.*

Griphamos na transcripção da carta algumas passagens que nos pareceram de molde a darem bem a conhecer o estado de espirito, senão a obsessão, em que o velho escriptor se mantinha.

O destinatario da carta viu-se d'este modo contrariado no seu desejo de honrar a associação com o nome de Herculano, mas, em compensação, adquiriu um documento precioso para o seu archivo de autographos. A carta em questão foi cuidadosa e amoravelmente guardada pelo pae como com todo o amor e cuidado a conserva hoje o filho, que muito se ufana da affeição, n'essa carta revelada para com o seu progenitor, da parte de quem tanto vale nas lettras da sua patria. Com effeito, ter sido da amisade de Alexandre Herculano é bem um pergaminho de nobreza, que nem todos os escriptores d'esse tempo podiam apresentar...

Alberto Bessa.

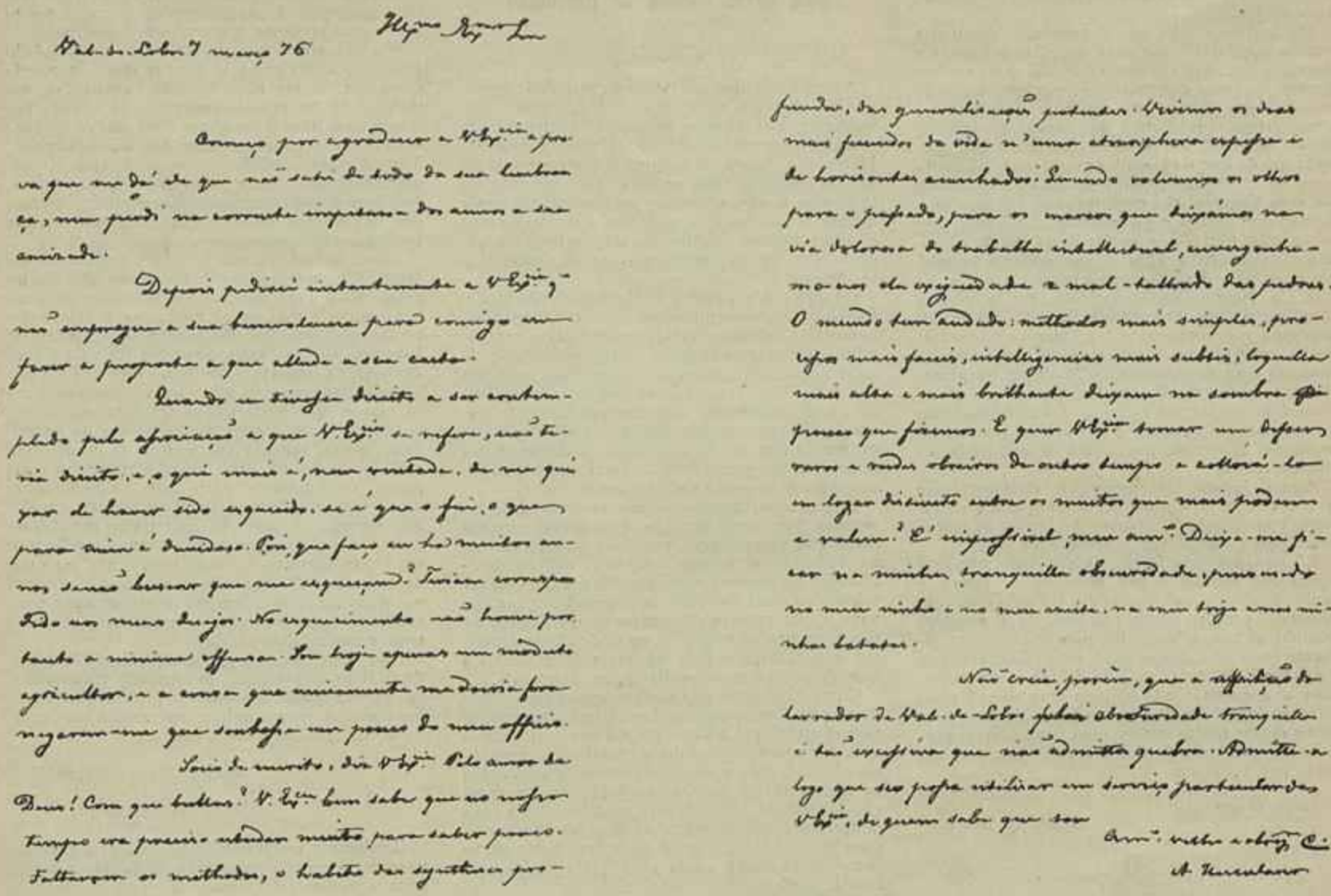
Publicações

Homenagem da cidade de Evora a Alexandre Herculano com ineditos delle, *por Francisco Barata*. Evora, Minerva Commercial, etc., 1910. — Um folheto de 36 paginas adornado com o retrato de Alexandre Herculano.

O erudito investigador das nossas letras o sr. Francisco Barata, encontrou na preciosa bibliotéca do sr. Visconde da Esperança, um volume manuscripto com o titulo: *Obras ineditas de varios autores 2.º Tneatro e Poesias*. Quasi ao fim do volume, na parte *Poesias*, lê se por boa letra: *Ode ai poeti ed idioma Italiani*, assinado por *A. H. C.*

Esta ode faz o assunto do folheto a que nos estamos referido e que tem o seguinte frontespicio: *Ode autographa e inedita de Alexandre Herculano, dada á estampa com introducção de Antonio Francisco Barata, 1.ª edição, editor J. S. Nazareth*, etc. A esta ode seguem no mesmo folheto algumas cartas ineditas de Herculano, dirigidas ao fallecido conselheiro Joaquim Filippe de Soure, e agora facilitadas para a publicação pelo sobrinho e herdeiro sr. Thiago Eleuterio de Soure.

Como se vê, é interessante a contribuição com que o sr. Barata concorre para a comemoração centenaria do grande Mestre, que neste momento



FAC-SIMILE REDUZIDO DE UMA CARTA INÉDITA DE ALEXANDRE HERCULANO

todos os portuguêses celebram. Uma duvida, porém, temos sobre a autenticidade da Ode, duvida, aliaz, que o proprio sr. Barata não deixa de ter tambem, pois não basta o manuscripto estar firmado com as iniciaes A. H. C. para o autenticar como de Alexandre Herculano, tanto mais quando não se póde autenticar a letra, e as iniciaes A. H. C. não serem exclusivas do nome de Alexandre Herculano de Carvalho. Posto isto, é assunto ainda para escabichar se Herculano escreveria em italiano poesia, embora soubesse a lingua.

Acerca de Filinto — E' este o titulo de um livro que o sr. Leão Horacio, um antigo jornalista, acaso, mais conhecido no Brasil do que entre nós, mas que actualmente aqui se encontra, vae publicar, ácêrca do poeta Francisco Manuel do Nascimento — Felinto Elisio — em que faz um estudo biografo, historico, critico e literario do grande poeta lirico.

A edição, limitada ao numero de assinaturas que obtiver, será impressa com bom tipo e em bom papel, proprio para os amadores das boas letras.

Acham-se em distribuição prospetos para a colheita de assinaturas.

Aurora do Cavado. — Reapareceu, depois de longa interrupção, este antigo quinzenario de literatura, bibliografia e politica, proficientemente redigido pelo sr. dr. Rodrigo Velloso, bem conhecido e reputado nas letras portuguêsas, como um dos seus mais dedicados cultores. A *Aurora do Cavado* conta trinta e cinco annos, e entrou agora na 3.ª serie.

Boletim Notarial e Forense. — *Quinzenario.* — Diréctor Rodrigo Velloso. — E' novo este quinzenario, de que temos presente o n.º 3, bem redigido e variado em seus artigos, atestando a competencia do sr. dr. Rodrigo Velloso, incançavel homem de letras da velha guarda, que tem ilustrado seu nome na imprensa portuguêsa.

O MEZ METEOROLOGICO

Fevereiro 1910

Barometro. — Max. altura 774mm,7 em 23.
» Min. » 752mm,3 em 19.
Termometro. — Max. altura 17°,3 em 16.
» Min. » 7°,5 em 12.

A temperatura manteve-se suave durante o mez, sendo o afastamento dos niveis, como se vê, inferior a dez gráus.

Chuva — 35mm,4 em 11 dias, havendo um unico dia de chuva copiosa, em 18 (12 millimetros).

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 6 dias.
» Nublado 18 dias.
» Encoberto 4 dias.

Vento dominante — NNW.

Graniso — Em 18.

Vierling & C.ª

Abriram o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106

17, Rua Augusta, 19

Negoceiam em Cambios, Papeis de Credito, Coupons, Ordens de Bolsa e Loterias.

Telephone, 2873 **Endereço, Fundos.**

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

23 a 173 francos por semana, podem ganhar, senhoras, homens e rapazes em suas casas. Muito honroso, facil, sem precisar conhecimento algum especial. Venda garantida — A. I. Horton — 56 — Rue Carvés — *Grand Montrouge* (Seine) France.

Novidade litteraria:

CONTOS E DIGRESSÕES

Um elegante volume de 224 paginas, profusamente illustrado com desenhos de **Antonio Ramalho** e **Caetano Alberto**, contendo:

O segredo de Clotilde — Na Montanha — Devorado pelas feras — Uma visita a Castello de Vide — Historia de umas calças — Uma festa agricola em Elvas.

Cartonagem em relevo, ouro e côres, **completa novidade**

Preço 500 réis

A' venda nas principaes livrarias e na EMPREZA DO OCCIDENTE

Poço Novo — LISBOA